

Estúdio de gravação conduzido por Thomas (esq) e Carlos Dreher completa 30 anos de atividade sendo celebrado por bandas e artistas de todo o Brasil como um reduto para a produção de arte fonográfica independente



reportagem cultural

A egrégora Dreher

Cristiano Bastos

Nas páginas do livro *Gaules Irredutíveis*, o músico (e um dos fundadores da Graforréia Xilarmônica) Frank Jorge é certo ao desferir sua fala quanto ao contexto então reinante na capital gaúcha, antes do advento do estúdio de gravação que, desde meados da década de 1990, tem condução dos irmãos técnicos-produtores Thomas e Gustavo Dreher. Considerou Frank: “Pegamos uma época em que, se tu dizias num estúdio ‘faz assim’, o produtor já vinha com um: ‘Desse jeito eu não faço’. Somente a partir da entrada em cena do Estúdio Dreher, arremata, que tal situação de fato começou a mudar na cidade”. O depoimento de Frank Jorge tece uma crítica à atitude professoral e de certa forma castradora (sendo os maiores

afetados particularmente artistas que ambicionavam experimentar nos estúdios suas potencialidades sonoras) por parte daqueles que anteriormente davam as cartas e apertavam os botões nos domínios da produção fonográfica porto-alegrense.

Thomas Dreher endossa plenamente a assertiva de Frank. Na avaliação do renomado produtor, a geração de técnicos de gravação anterior (oriunda dos anos 1970 e que, naqueles dias, ainda mantinha-se presente) trazia consigo em sua *expertise* alguns vícios que acabavam por obliterar a inventividade dos músicos. “A música, pelo que parece, estava a serviço das técnicas de gravação. Mas, na realidade, o Gustavo e eu nos demos conta de que é ao contrário disso. Na verdade, as técnicas de gravação é que devem estar a serviço da música”,

conclui. Embora os dois irmãos sejam os preceptores dessa nova conjuntura, Gustavo, a partir de 1999, passou a atuar principalmente entre Rio de Janeiro e Brasília (continuando uma carreira como músico, técnico de som e produtor) e, ainda que permaneça colaborando ocasionalmente em eventuais produções, atualmente não conduz o estúdio, que fica sob a coordenação de Thomas.

Criado pelo dedicado pai Carlos Dreher (pastor de confissão luterana com larga experiência no ramo da radiofonia como diretor da Fundação ISAEC de Comunicação), a primeira peça fonográfica que materializou-se no estúdio foi *Vol.1*, álbum que, em 1997, marca o *debut* dos chapecoenses da Banda Repolho. Dali em diante, os Dreher rapidamente colheram fama devido à exímia qualidade dos serviços prestados. E nota-

damente também em virtude da sintonia que o estúdio passou a estabelecer, inaugurando no cenário local uma forma de relacionamento inovadora e criativa entre autores e técnicos. Nessas três décadas, por lá passaram bandas e artistas de distintas orientações estéticas, como Júpiter Maça, Ultramen, Plato Divorak, Cachorro Grande e Vídeo Hits.

Sintonia, aliás, é uma palavra-chave para se definir a mágica obtida no Estúdio Dreher. Predicado este que é ratificado por Stefano Fell, guitarrista da banda Loomer, a qual realizou a gravação do álbum *Hidden Everywhere* (com lançamento previsto para este ano) sob a batuta de Thomas. “Nas sessões, o Thomas contribui trazendo ao processo sua grande bagagem de experiências anteriores. O resultado foi enriquecedor. Ele interage como se fosse um

quinto elemento da formação”, enaltece Fell.

Para Thomas, nada disso teria sido possível sem a decisiva influência exercida por Carlos Dreher - o grande entusiasta e patrocinador do Estúdio Dreher. O pai propiciou aos irmãos desde a infância educação musical, também introduzindo-lhes decididamente nos meandros da produção nos meios de comunicação. Thomas destaca na figura paterna principalmente seu ponto de vista “religioso” na maneira de lidar com as coisas, sempre dedicado, solícito e bondoso. “Nosso pai acompanhou e apoiou nossa jornada na arte de fazer tratamento de áudio e gravar discos. Do Carlos Dreher herdamos seu espírito, entusiasmo e diligência”, engrandece.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Nova dramaturgia espanhola

Cristóvão Colombo, Don Juan Tenorio, Jesus Cristo... Eis alguns dos personagens do dramaturgo espanhol Francisco Bernal (Paco Bernal, nome artístico), cuja peça *O profeta louco* a diretora Suzy Martinez estreou no Porto Verão Alegre do início deste ano e que, no meio da semana passada, no Teatro do CIEE, voltou a ser exibida para uma plateia entusiasmada e torcedora.

Paco Bernal tem, neste texto, como personagem único, um "louco" (?) que se intitula Jesus Cristo. No início da obra, de cerca de uma hora de duração, o Cristo está pregado a uma cruz, colocada num altar de uma capela de um convento medieval, em que religiosos passam os dias e as noites a rezar e a cantar o cantochão dos cantos gregorianos. O texto nos coloca ante um Cristo queixoso do Pai e até raivoso da Mãe, por se encontrar há dois mil anos abandonado. Denuncia asperamente a desfaçatez com que os ministros da Igreja Católica vivem na riqueza, de costas para os pobres, em meio à luxúria.

O texto não se constitui exatamente em uma grande novidade do ponto de vista do discurso e do contexto. Muitos outros artistas, inclusive o escritor português José Saramago, já exploraram tais situações.

No caso de Bernal, parece que ele gosta de desconstruir personagens reais (Cristóvão Colombo) ou fictícios (Don Juan Tenorio, da dramaturgia espanhola do século de ouro), até chegar à figura de Jesus Cristo.

A exploração da personagem permite um discurso que é um misto de denúncia e de debate em torno da atual realidade e da contradição contemporânea da Igreja enquanto instituição que já teve, de fato, maior distância de seus evangelhos do que hoje em dia (veja-se o contraste entre o falecido Papa Francisco e o atual chefe do Vaticano). No entanto, muitas vezes, o texto escorrega para o ingênuo ou simplesmente para o panfletário, perdendo força: aliás, os melhores momentos da escrita de Bernal surgem quando ele consegue ser irônico ou meramente cômico, o que faz com que a plateia reaja com risos positivos, como na passagem em que Cristo se queixa de não ter carteira do trabalho assinada nem direi-

to a férias Mas não é um texto unitariamente convincente, ao menos, na versão que a tradução de Suzy Martinez nos apresenta.

Quando ao espetáculo, a interpretação de Juliano Passini é consistente. E certamente a direção de Suzy Martinez tem muito a ver com isso, porque a interpretação está bem marcada, fortemente amparada na preparação corporal de Carlota Albuquerque e a trilha sonora de Álvaro Rosacosta. Na equipe técnica anda temos a cenografia de Marco Franckowiack, econômica mas efetiva: o altar, a cruz, e nada mais. Mas o conjunto dos vitrais e a ambientação são convincentes quanto ao espaço escolhido, com uma participação dinâmica, inclusive para o ritmo narrativo, da iluminação de Mauricio Moura, mesmo quando, em algumas passagens, as soluções encontradas sejam um pouco óbvias, como no diálogo entre Cristo e o Pai. Os figurinos de Ajfef Ghenes, em tons ocres, causam boa impressão e aprofundam a ambientação.

Paco Bernal é de Madrid (1975) mas desde 2005 vive na Áustria. Quantitativamente, tem produção bastante grande, tanto na dramaturgia quanto na prosa. Ainda muito jovem, ganhou o I Prêmio de Escrita Dramática da Universidade Carlos III, em Madri. Bernal também é roteirista de cinema e de televisão, mas se afastou destes trabalhos ao mudar-se para a Áustria, para concentrar-se em sua escrita literária e dramática.

A iniciativa de Suzy Martinez em trazer um jovem autor espanhol para montagem no Brasil certamente é importante, tanto que o grupo vai viajar para o centro do País. Não sei, porém, se este seria o texto mais apropriado: apostaria naquele sobre Cristóvão Colombo, que conheço há alguns anos (infelizmente, não está traduzido no Brasil).

De qualquer modo, a afluência de público evidenciou o interesse pelo trabalho e, ao final, o entusiasmo pela encenação. Suzy Martinez que, ao lado de Rogério Beretta, tem-se dedicado mais à produção, às vezes à interpretação, deveria se permitir mais incursões nesta tarefa criativa: ela tem competência, e isso fica claro neste espetáculo, mesmo que nem sempre o texto seja o melhor suporte para o seu trabalho.

O texto nos coloca ante um Cristo queixoso do Pai e até raivoso da Mãe, por se encontrar há dois mil anos abandonado



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Mito e realidade

Figura sem muito destaque no panorama atual do cinema italiano, o produtor e por vezes diretor Uberto Pasolini se arrisca ao abordar o tema dominante da literatura ocidental, neste *O retorno*, do qual ele mesmo é um dos roteiristas. Não é o primeiro cineasta a abordar o tema. Muitos antes dele, diretamente ou através de citações, levaram à tela a homérica narrativa, vale dizer a volta para a casa, a reconstrução de um mundo que parecia perdido e também o regresso à origem, como fez o grande Stanley Kubrick, na mais brilhante variação sobre o tema e num dos mais notáveis filmes da história do Cinema: *2001: uma odisseia no espaço*. O protagonista da atual versão, o britânico Ralph Fiennes, tem um antecessor, pois Kirk Douglas, em 1954, interpretou o personagem de Homero em *Ulisses*, filme dirigido por Mario Camerini. Uma referência pode ser vista em *O desprezo*, produzido em 1973, para muitos o melhor filme de Jean-Luc Godard, no qual Fritz Lang, um dos mestres do cinema clássico alemão, interpretava um diretor que estava filmando uma versão de *A Odisseia*. E não seria justo esquecer John Ford, que foi chamado 'o Homero das pradarias', cujos filmes quase sempre começam

com alguém voltando para a casa ou para a família como em *Rastros de ódio*, outro momento antológico do cinema, ou até mesmo saindo para enfrentar o cotidiano e regressando no epílogo, como em *Um crime por dia*, realizado em 1958, resumo realista e moderno do tema e no qual o investigador vivido por Jack Hawkins, no último plano, se dá conta de que esqueceu de comprar uma encomenda da esposa.

Em seu filme, Uberto Pasolini retira de cena os deuses e se fixa, de forma realista, na chegada de Ulisses a Ítaca, na qual Penélope permanece fiel, enganando os pretendentes ao trono ao destruir durante a noite o seu trabalho diurno. Mas não permanece preso ao relato original e procura dar destaque a Telêmaco, vendo-o como um Édipo que, ao mesmo tempo em que entra em conflito com os pretendentes, não hesita em ofender a mãe, tornando assim claro o drama por ele vivido. Mas é nesse ponto

que aparecem certas limitações ao cineasta e seus roteiristas. A encenação é pobre e apenas se fixa em pormenores que nada acrescentam a esse tema. Em nenhum momento, por exemplo, em seu conjunto, os pretendentes assumem simbolicamente os desejos ocultos do filho da rainha. Mas o filme, mesmo assim, vale por chamar a atenção sobre um tema que parece escapar da crítica. E ao retirar de cena os deuses homéricos, o realizador mostra não ser sensível ao fato de tais figuras representarem as complexidades e as contradições que habitam o ser humano. Ao retirar de cena aqueles que guiam o ser humano em direções diversas, o realizador de certa forma enfraquece seu filme, até por não conseguir estruturar os personagens de maneira a torná-los poderosos exemplos de desafiantes diante situações que os colocam como prisioneiros.

A seu modo, o cineasta de *O Retorno* responde a um texto de Karl Marx, que escreveu sobre o permanente interesse pela arte grega: "...a dificuldade não está na ideia de que a arte e a epopeia gregas estejam ligadas a certas formas de desenvolvimento social. A dificuldade está em compreender porque

Em seu filme, Uberto Pasolini retira de cena os deuses e se fixa, de forma realista, na chegada de Ulisses à Ítaca de onde partiu

ainda hoje nos proporcionam um prazer e valem, em certos aspectos, como norma e modelo insuperáveis". Se não é um filme notável, esta versão do final de *A Odisseia*, com as suas referências ao tempo atual, sobretudo no sangue que corre e mancha os atos humanos, reflete uma época que parece se aproximar de uma grande crise, isso se não a vive no momento. E o faz de forma a evitar as interpretações marcadas pelo sectarismo. Enquanto o casal é novamente formado, o filho se afasta e o epílogo se fixa num quadro incompleto. É como um recomeço. Partindo do mito e da lenda, da fantasia e da arte, o diretor tenta ver, na realidade conspurcada pela violência e serva de agressividades que por vezes comanda os seres humanos, um palco no qual agem elementos que servem de obstáculo à marcha da Humanidade. Se o cineasta fosse um dos maiores o filme seria mais profundo. Porém, ele permite reflexões.

fique ligado

Celebração do som extremo no Opinião

O Krisiun retorna a Porto Alegre com a turnê que comemora os 25 anos do disco *Conquerors of Armageddon*. Considerado um dos mais relevantes do death metal mundial, o grupo subirá ao palco do Opinião (José do Patrocínio, 834) no domingo, às 18h, para executar os melhores momentos da sua obra icônica. Grava-

do na Alemanha sob os cuidados dos renomados produtores Erik Rutan e Andy Classen, *Conquerors of Armageddon* é o terceiro trabalho de estúdio da banda gaúcha, e fez com que o Krisiun trilhasse uma trajetória de enorme sucesso, sobretudo na Europa.

No repertório, o grupo tocará hinos como *Ravager*, *Conque-*

rors of Armageddon e *Hatred Inherit*, e terá a presença de um convidado altamente gabaritado nas suas nove datas pelo Brasil, o Malevolent Creation. Criado na Flórida, é um dos precursores do death metal norte-americano e tem no currículo clássicos como *The Ten Commandments* e *The Will to Kill*. Ingressos a partir de R\$ 80,00 via Sympla.



Krisiun volta a Porto Alegre para show especial relativo aos 25 anos do álbum *Conquerors of Armageddon*

O elixir do amor no Multipalco

Uma das óperas mais amadas de Gaetano Donizetti, *L'Elisir D'Amore*, terá duas sessões sábado, às 20h, e domingo, às 18h, no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). A nova montagem da Companhia de Ópera do RS (Cors) traz uma história que se passa em uma aldeia basca no final do século XVIII, onde Nemorino, um rapaz ingênuo e pobre, é perdidamente apaixonado pela rica e latifundiária Adina, que não está interessada em nin-

guém, somente quer brincar com seus sentimentos e com os de Belcore, um militar de passagem pela região. Nemorino encontra um Elixir do Amor, comercializado pelo charlatão Dr. Dulcamara, remédio para solucionar seu mal de amor e antídoto que por si só também "possui" o efeito de destruir ratos e insetos, além de curar todas as doenças. Ingressos custam a partir de R\$ 42,00 no site do Teatro São Pedro.

Emmanuele Baldini é convidado em concerto da Ospa

Nesta sexta-feira, às 20h, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) interpreta obras de três compositores renomados: Antonio Vivaldi, Johann Sebastian Bach e Gabriel Fauré. O maestro ítalo-brasileiro Emmanuele Baldini é o convidado da Ospa para não somente reger a apresentação, como também tocar violino. Ao seu lado, no palco do Complexo Cultural Casa da Ospa (Borges de Medeiros,

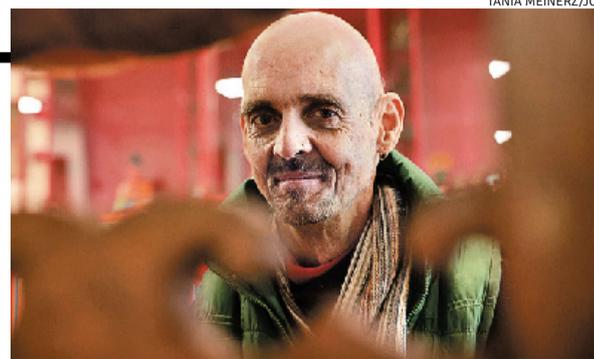
1.501), estarão os cantores líricos Raquel Fortes e Daniel Germano, além do Coro Sinfônico da Ospa, que fará uma participação especial.

A apresentação faz uma homenagem aos 130 anos da Faculdade de Farmácia da Ufrgs. O concerto inicia às 20h na Sala Sinfônica, com transmissão ao vivo pelo canal da Ospa no YouTube. Ingressos entre R\$ 10,00 e R\$ 50,00 via Sympla.

Bandas gaúchas relembrando sucessos acústicos

Comemorando os 20 anos do icônico *Acústico MTV Bandas Gaúchas*, o Auditório Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685) vai reunir, neste sábado e domingo, às 19h, os artistas que participaram da gravação desse importante CD/DVD. Carlinhos Carneiro e Rodrigo Pilla, Cachorro Grande, Ultramen e Wander Wildner, responsáveis por fazerem dessa edição uma das mais bem-sucedidas do projeto no Brasil, dividirão o clássico palco localizado no Parque Farroupilha.

No repertório da apresentação, estarão todos os hits que impulsionaram o rock gaúcho no início dos anos 2000. *Microondas* e *Melissa*, do Bidê ou Balde, *Dia Perfeito* e *Sexperienced*, do Cachorro Grande, *Dívida* e *Ultramans*, do Ultramen, e *Bebendo Vinho* e *No Ritmo da Vida*, de Wander Wildner, são alguns dos momentos inesquecíveis do registro. Só restam ingressos de pista lateral em pé, por R\$ 155,00, via Sympla.



Nenung traz canções de quatro décadas de trajetória artística em apresentação no Ecarta Musical

Reflexões poéticas sobre a natureza humana

Em *A Lógica da Liberdade*, o cantor, compositor e poeta Luís Nenung revisita quatro décadas de trajetória artística em um formato essencial e poético. Acompanhado do baixista, arranjador e parceiro de longa data Juliano Pereira, o espetáculo, que acontece neste sábado, às 18h, na Fundação Ecarta (João Pessoa, 943) convida o público a uma viagem sonora e lírica atra-

vés de 11 canções que refletem a condição humana, seus desafios e encantos. No repertório, canções emblemáticas d'Os The Darma Lóvers, sua banda mais representativa, além de parcerias e composições autorais, com destaque para faixas como *Desapego*, *Diamante*, *Meu Amor se Mudou pra Lua* e *Canção para Minha Morte*. A entrada é franca.

Agenda

- Nesta sexta-feira, às 15h, o espetáculo teatral *Coma* estreia em Canoas, no Hangar Cultural Oli Borges (Est. do Nazário, 3150 – Canoas). A entrada é gratuita mediante retirada de ingressos via Ticketo.
- No domingo, às 18h30min, acontece o encerramento do Porto Alegre em Cena com a ação formativa *Encontros Improváveis*, onde uma série de convidados da cena cultural discutem o futuro das artes da cena no Brasil. Bate-papo acontece no Carmen's Club (Olavo Bilac, 336). Ingressos no site do evento.
- Também no domingo, a partir das 17h, o Grezz (Almirante Barroso, 328) apresenta mais uma edição do Samba de Mesa com Rê Adegas e convidados. Antes, no sábado, às 21h, o músico Fabão comanda um Tributo a Lulu Santos no mesmo local. Ingressos via Sympla.
- Também no sábado, às 21h, o baixista Gastão Villeroy sobe ao palco do Espaço 373 (Comendador Coruja, 373) para o show *Mil Tons de Bituca*. A banda para o tributo contará com Kiko Continentino e Widor Santiago, músicos que acompanharam Milton Nascimento por mais de duas décadas. Ingressos via Tri.RS.
- A banda de *surf music* Seu Cuca celebra 25 anos de estrada em um show comemorativo no palco do Bar Opinião (José do Patrocínio, 834), neste sábado, às 21h. Ingressos via Sympla.
- No domingo, às 15h, o Grupo de Pesquisa Teatral Realejo EnCena apresenta o espetáculo

A Grande Máquina na praça Gastão Leão, no centro de Guaíba. Encenação faz parte da programação do 4º Encontro de Cultura Popular e Teatro da cidade. A entrada é franca.

● Piquete El Topador promove valorização da tradição da lã neste domingo, das 11h às 16h, durante oficina no Rancho Tabacaray (Vicente Monteggia, 2.770). Programação une conhecimento, gastronomia e música. Ingressos a R\$ 230,00 via Sympla.

● O Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) recebe o show do arranjador Sérgio Rojas, acompanhado do piano de Diogo Barcelos e a bateria de Alexandre Olly, sexta-feira, às 21h. Ingressos a R\$ 70,00. Já no sábado, às 12h, acontece a tradicional Feijoada & Choro, com Felipe Cemim, João Madruga e Manoel Soares. Ingressos a R\$ 75,00. Também no sábado, a partir das 20h, a casa promove o espetáculo *Suíte para Flauta e Jazz Piano*, com ingressos a R\$ 80,00.

● Nesta sexta-feira, às 21h, a cantora de pop Carol Biazin, volta a Porto Alegre em única apresentação no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834). A artista apresenta a turnê de seu mais recente álbum, *No Escuro*. Os ingressos estão esgotados.

● Também na sexta-feira, às 18h30min, o V744atelier (Visconde do Rio Branco, 744) promove uma conversa com a artista Leticia Lampert sobre a exposição *A Matéria da Paisagem*, mediada pela pesquisadora Gabriela Motta. Entrada franca.

reportagem cultural

Dentro da sala, um sentimento de família

Cristiano Bastos*

Eduardo Norman (Space Rave)

“Em 2003, a Space Rave produziu o DVD **Juventude Enlouquecida** e, naquela noite de inverno, graváramos *Lunática Anarquista*, com o Gus Jahn captando imagens para o clipe. Cheguei da Livraria Kafka, onde trabalhava, e encontrei a Mari Kircher (com quem eu era casado e também integrava a Space) chorando no banheiro com nosso filho, Kim. Seu pai havia sido morto naquela manhã e ela recém tinha recebido a informação. Ainda em choque, encontramos forças para ir até a casa dos Dreher na Bom Jesus.

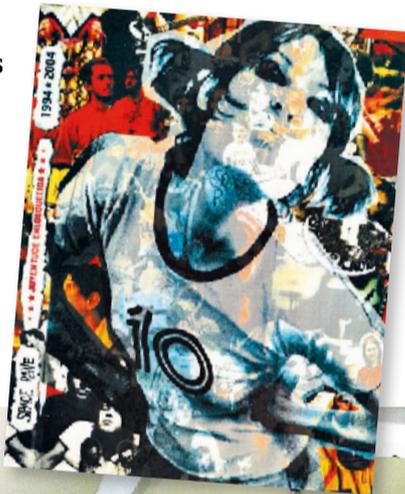
Foi aí que experimentamos a

aura mais sensível que o estúdio proporciona. O Thomas foi além da gentileza e dedicação peculiares e, ciente da situação, criou uma egrégora, nos deixando confortáveis para lidar com o tsunami de sentimentos e derramar na música. No segundo *take* já tínhamos a estrutura inicial de guitarra, bateria e baixo, seguidos por dobras de guitarras e camadas de teclados para culminar em vocais vindos da alma, entrando pelos fones e arrepiando cada um ao redor.

Foi como se sentir em família: eu, a Mari, o Murilo Biff, a Biba Graeff, o Guilherme Figueiredo, a formação da Space na época, o Thomas... E o Gus Jahn registrando com a delicadeza dos cinegra-

fistas invisíveis.

Difícil de expressar em palavras. Acredito que assistindo ao clipe dê para perceber a importância de um estúdio ir além do equipamento, arquitetura, *know-how*. Uma integração cósmica que só se encontra onde existe história.”



EVANDRO OLIVEIRA/JC



Carlos (esq) e Thomas Dreher, na sala onde foram gravados vários clássicos do rock gaúcho das últimas décadas



Banda Repolho gravou três álbuns no Estúdio Dreher

Grenal chapecoense

Roberto Panarotto (Repolho)

“Conhecemos o Estúdio Dreher por intermédio do Marcelo Birck, o qual havia feito a produção, em 1995, da terceira demo-tape da banda, intitulada *Repolho - Campo e Lavôra*, no Estúdio Alfa. O Marcelo nos propôs parceria para gravar o primeiro disco da Repolho através do selo Grenal Records, que ele criou para lançar o disco da Aristóteles de Ananias Jr. O álbum *Vol. 1* seria o segundo lançamento realizado pelo selo.

Apesar da estrutura simples do Estúdio Dreher – uma sala, gravador de 8 canais e sem efeitos – optamos por gravar lá, explorando a criatividade e as possibilidades sonoras típicas oferecidas pelos irmãos Dreher. Comparado ao Alfa, com suas várias salas e uma mesa de 16 canais, o Dreher trazia a possibilidade de transfor-

mar limitação em benefício explorando timbres e atmosferas únicas.

Em dezembro de 1996 começamos a gravação do álbum *Vol. 1*, que durou ao todo 12 noites e 12 madrugadas. Decidimos fazer a gravação do disco no período da noite para não atrapalhar o expediente das outras salas comerciais, estendendo o estúdio pelos corredores e escadas e assim explorando ecos e texturas do ambiente. Lembro que, em uma das músicas, cantei no parapeito da janela do terceiro andar, usando o silêncio da madrugada como efeito natural. O resultado permanece uma curiosidade na história do Estúdio Dreher.

O disco ganhou lançamento em 1997 e contou com participações de diversos músicos convi-

Cowboys do estúdio

Julio Remy (Cowboys Espirituais)

“Eu só conhecia o Thomas Dreher por antes ter gravado em seu estúdio, ao lado do Frank Jorge, um jingle para uma livraria de Porto Alegre. O Frank já andava gravando com ele coisas que viriam a compor o disco *Carteira Nacional de Apaixonado*. Acertei o preço com o Thomas e, no dia das gravações, levei uma garrafa de uísque. As primeiras músicas que concluímos foram *Como é grande o meu amor por você*, do Roberto Carlos, numa toada *country* chorada, e *Uma mulher*, que, posteriormente, seria incluí-

da tal e qual no primeiro disco dos Cowboys Espirituais (aprova da pelo Carlos Eduardo Miranda, então diretor artístico do selo Matraca da gravadora Trama).

Apesar de estarmos montando uma banda, cada um de nós, nessa época, tinha um projeto diferente de vida: o Petracco pensava em ir pros Estados Unidos tentar uma carreira lá, e o Frank queria dedicar-se ao estudo da computação, pela qual ele andava apaixonado. Já eu, por minha vez andava, deslumbrado com o sucesso do Cowboy do Deserto, o personagem que eu tinha na

TV Bandeirantes.

O Thomas Dreher, diga-se de passagem, mixou muito bem. Um dos momentos em que pintou a sintonia entre o Thomas Dreher e o Marcio Petracco, em que os dois ‘saíram da casa’, deu-se na gravação da canção *A irmã do Dr. Robert*, cujos rearranjos da música foram criados pelo Marcio e o Frank. Primeiramente, o Petracco tirou o solo da música nota por nota numa guitarra Sheraton.



No arranjo original do TNT, o produtor Reinaldo Barriga havia colocado um trompete piccolo emulando Beatles na fase *All you*

need is love.

Mas o som ficou muito duro, e falei: “Tá muito seco. Esse solo tem que vir das nuvens, lá da estratosfera. O solo tem que soar voador, ventoso”, eu sugeri. Daí o Marcio: “Que diabos tu tá falando, Julio?”. O Thomas inter-

feriu: “Eu acho que sei o que o Julio está dizendo...” E começou a emendar, fio sob fio, metros de cabos até conseguir costurar uma enorme gambiarra que permitia ligar o amplificador, a todo volume. Ligada na mesa, o Marcio ouvia suas guitarras, que ecoavam andares acima, pelos fones de ouvido. Obra do Thomas Dreher, o efeito daquilo foi genial, porque, realmente, parece que o solo vem de outra dimensão. Das nuvens, eu diria. E ficou perfeito. O Marcio Petracco até hoje orgulha-se muito daquele solo de guitarra.”

Voando para Porto Alegre

Tarso Jones (Rios Voadores)

“Vou tentar resumir como uma banda resolveu fazer as malas, sair de Brasília e gravar seu debute nos estúdios Dreher, em Porto Alegre, durante a copa do mundo de 2014. É uma bela história! A Rios Voadores naqueles dias estava em orgânica (sim, ainda era possível) ascensão. A banda tinha acabado de vencer (por escolha da crítica e do público) o festival Chilli Beans e, como prêmio, ganhou alguns pares de óculos da marca e um excelente horário no festival brasileiro Porão do Rock 2013, à meia noite, abrindo para o Lobão. A trupe estava tocando e compondo novas canções, mas ainda precisava gravá-las num estúdio profissional. O que acontece é que boa parte do *know-how* musical essencial da Rios Voadores veio da pesquisa sonora propriamente dita: dos blogs, dos sebos, até locadoras de CD e tudo mais.

Lembrando que ainda estávamos na era *pré-streaming* e quem curtia música de fato tinha que ir atrás, na boca a boca ou garimpando na internet, que era recheada de blogs, links e páginas dedicadas à disseminação de pepitas sonoras de todos os tipos. A gente tinha bastante referência musical e artística para se espelhar.

O fato é que estávamos vivendo uma fase bastante psicodélica e tínhamos essa identificação especial com a sonoridade única que emanava da obra do músico gaúcho Flávio Basso, mais conhecido pela alcunha de Júpiter Maçã. A gente acompanhava o trabalho do ‘man’ há quase uma década e sabíamos que seu produtor musical mais fecundo era o lendário Tho-

mas Dreher com seu estúdio em Porto Alegre. O que a gente veio a descobrir nessa época, por obra do destino, é que o Thomas tinha um irmão, o Gustavo Dreher, e esse irmão, por obra da sincronidade misteriosa, também estava morando em Brasília.

Demos um jeito de conseguir o contato do cara e marcamos uma reunião no tradicional bar Beirute, da asa norte. Dessa reunião nasceu o plano da gente preparar as músicas numa pré-produção aqui no quadradinho e então partir para POA assim que possível para fazer de fato a gravação das músicas. A gente já estava na casa dos 30 anos, lembro da euforia e empolgação que sentíamos naquela época, íamos simplesmente gravar nosso primeiro álbum no estúdio dos caras mais geniais que era possível pra nossa geração! Para nós era como a realização de um sonho.

Fizemos a pré-produção durante 4 meses em Brasília com o Gustavo, juntamos os instrumentos e uns casacos mais robustos na mala e fomos curtir o inverno porto alegre dentro dos estúdios Dreher. Digo isso literalmente, porque nos instalamos lá e ficamos numa intensa imersão de gravação durante 12 noites no início de julho daquele ano e durante a copa do mundo no Brasil de 2014. Gravamos ao vivo no estúdio, com a supervisão dos irmãos Dreher (Thomas e Gustavo juntos, uma raridade). Realmente foram dias mágicos. Existia aquela aura da pura criação no ar e nós gravamos as 11 faixas do álbum homônimo *Rios Voadores* (lançado em 2016, pela Tratore) nesse embalo. Numa noite, ali naquele processo, estávamos a testar experimen-



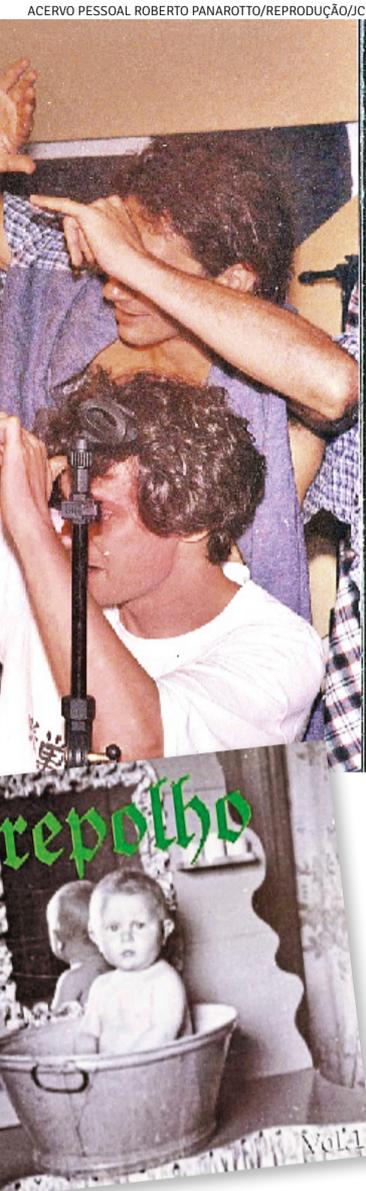
Banda Rios Voadores durante gravações no Estúdio Dreher

tações e sons peculiares, então o Thomas sugeriu que fôssemos na rua encontrar objetos ou qualquer coisa que achássemos interessante e aparecesse no caminho. Lembro que voltamos com um balde cheio de quinquilharias, galhos e folhas. Depois fizemos *takes* com botas de solado de madeira pisando naquelas folhas secas. O resultado está presente na canção *Música do Cais*, onde dá pra sentir esse contraste psicodélico da música aquática misturada com essas folhas sendo pisadas. Delícia!

Em outro momento, já mais pro final da empreitada, fizemos uma festa no estúdio, rolou uma celebração, chegou um pessoal. Eis que o Thomas, sem avisar nada pra ninguém, deixou um microfone gravando a farra inteira. Depois os trechos mais animados foram



utilizados como parte mixada na canção *Freak Lady*, para simular essa noitada em curso, cheia de conversas, copos batendo e risadas que aconteceram de verdade! Dá pra ouvir o nosso astral elevado daquele momento, eternizado nessa faixa. Foi incrível. Saímos de lá ainda mais fãs dos caras, sacamos a importância da liberdade criativa no estúdio, dessa imersão mística em conjunto e entendemos como uma canção pode nascer com alma, cores e formas esculpidas para sempre. Viva!”



dados. Muitos naquela ocasião acreditavam estar gravando uma demo, mas, na realidade, tratava-se do primeiro álbum oficial da banda, consolidando a Repolho e, de quebra, marcando a história do Estúdio Dreher. Repetimos a experiência com os discos *Repolho Vol.2* e *Vol.3*, nos anos seguintes, mas essas já são outras histórias.”

Timbres não mentem jamais

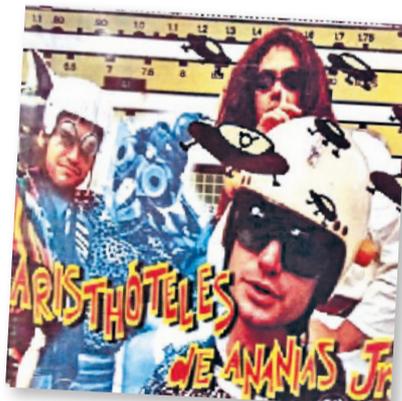
Marcelo Birck (Aristhóteles de Ananias Jr.)

“Encontrei o Thomas Dreher pela primeira vez quando ele atuou como operador de som do álbum *Coisa de Louco II* da Graforréia Xilarmônica. Em seguida, conheci o Estúdio Dreher, quando ainda era na Iguazu, para a masterização do disco da Aristhóteles de Ananias Jr. Até então, a gravação havia sido uma encrenca só. A resistência dos estúdios ao que estávamos propondo foi uma constante, o que levou a um resultado que não nos agradou.

Mas tudo mudou quando chegamos aos Dreher. O Thomas trabalhou na master, tornando-se

mega parceiro nas investigações que nós concebíamos para dar uma cara mais de acordo com o que pretendíamos desde o início. Após o fim da banda, ele me propôs de fazermos algumas gravações. A princípio, foram testes, muitos deles trechos curtos de músicas ainda não finalizadas. Com várias edições e acréscimos, entre 1999 e 2000, estes registros se tornaram meu primeiro disco solo.

Várias outras situações surgiram na sequência, o que inclui o disco dos Atonais, banda da qual o Thomas foi o baterista. O álbum *Em Sintonia Modulada* foi gravado na maior parte ao vivo, em parale-



lo ao meu disco solo. Além disso, também rolaram as co-produções que fiz com Júpiter Maçã para o disco *Plastic Soda*. As histórias são inúmeras (os timbres, por sua vez, não mentem jamais) desde que comecei a trabalhar com os irmãos Dreher.”

Discografia básica do Estúdio Dreher

- 1996: Aristhóteles de Ananias Jr
- 1997: Graforréia Xilarmônica - *Chapinhas de Ouro*
- 1998: Cowboys Espirituais
- 1999: Júpiter Maçã - *Plastic Soda*
- 2000: Os Atonais - *Em Amplitude Modulada*
- 2001: Cachorro Grande
- 2003: Pata de Elefante - *Pata de Elefante*
- 2006: Graforréia Xilarmônica - *Ao Vivo*
- 2008: Júpiter Maçã - *Uma tarde na fruteira*
- 2009: Os the Darma Lóvers - *SimplesMente*
- 2010: Julio Reny - *Bola 8*
- 2011: Yanto Laitano - *Horizontes e Precipícios*
- 2013: Cristiano Varisco Aline
- 2014: Cristiano Varisco - *Trilhas Sonoras para Filmes Imaginários*
- 2015: Wander Wildner - *Existe alguém aí?*
- 2018: Irmãos Panarotto - *Paranhos, bricolagens e outras...*
- 2021: Loomer - *DenialB/W Dead*
- 2022: Naddo entre Gigantes - *Melomania*
- 2024: Flu & Carlinhos Carneiro - *Flulinhoneiro*
- 2025: Império da Lã & Irmãos Panarotto - *Estátua para Júpiter Maçã*

Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny - Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra*, *Nelson Gonçalves: O rei da boemia*, *Nova carne para moer* e *Gauleses irredutíveis - Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

nas telas

A magia atemporal do estúdio Ghibli

A partir deste final de semana, a Sato Company celebra quatro décadas de atuação no Brasil trazendo o Ghibli Fest, uma retrospectiva com os principais longas-metragens do icônico e premiado estúdio japonês, que também comemora 40 anos de história. Reconhecido mundialmente por suas animações atemporais, personagens inesquecíveis e forte ligação com a cultura japonesa, o Studio Ghibli terá seus filmes

exibidos em tela grande, em salas de todo o País - em Porto Alegre, as sessões serão na Cinemateca Paulo Amorim da CCMQ (Andradas, 736). O público poderá rever animações premiadas como *A Viagem de Chihiro*, *Meu Amigo Totoro* e *Castelo Animado*, todas de Hayao Miyazaki, além de outras 11 produções ao todo. Datas e horários de exibição no site da Cinemateca Paulo Amorim.

SATO COMPANY/STUDIO GHIBLI/DIVULGAÇÃO/IC



Clássicos como *Meu Amigo Totoro* estarão de volta às telas durante festival

Um mordomo britânico no interior da França

Marcando o reencontro entre as estrelas John Malkovich e Fanny Ardant, o longa *Sr. Blake Ao Seu Dispor*, de Gilles Legardinier, conta a história do britânico Andrew Blake, que acaba de ficar viúvo e anda desanimado com a vida. Seu último desejo é retornar ao lugarejo no norte da França, onde conheceu sua mulher e foi muito feliz. A opção de moradia é a mansão deca-

dente e desorganizada de madame Beauvillier, que precisa urgente de um mordomo. Blake aceita o cargo e, com seu temperamento britânico, acaba provocando algumas mudanças importantes na vida do lugar. Este é primeiro longa dirigido por Legardinier, que também assina o livro que deu origem ao filme e é um dos autores mais vendidos da França.

Adaptação rara de Erico Verissimo

Neste sábado, às 18h, a Associação de Amigas e Amigos da Cinemateca Capitólio (Aamicca) promove mais uma Sessão Aamicca, exibindo o filme *Noite* (Gilberto Loureiro, 1985), em cópia restaurada, na comemoração dos seus 40 anos. Uma das numerosas adaptações cinematográficas da obra de Erico Verissimo, homenageado em 2025 pelos 150 anos de seu nascimento e 50

anos de morte, *Noite* traz a história de um homem que perde a memória e é questionado sobre seu envolvimento no assassinato de uma mulher, enquanto vaga pelas ruas de Porto Alegre. Após a sessão, haverá bate-papo com Maria da Glória Bordini, especialista na obra de Erico Verissimo, e o jornalista cultural Roger Lerina. A mediação é de Pedro Guindani. Entrada franca.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Modelo estrutural proposto por Freud	Extremo negativo na concepção dualista Legal, na gíria inglesa	Alimento de bebês Negra (?), cantora	A pior situação na Economia nacional Vento quente e seco do Saara
Visão ameaçadora de falsos profetas	"Nacional", em PNB (Econ.)	Estação da linha ferroviária Com, em francês	Poeta realista luso
Veículo puxado por cães no Alasca	Pessoas servis Unidade elétrica	Enfeite da dança de Salomé	Rodeia a cintura Pavimento
Herbert Vianna, cantor brasileiro	Rio que nasce na Mongólia e atravessa a Rússia	Possuir; haver	Vogal de ditongos nasais (Gram.)
Programa como o Uber ou o iFood	(?) do chão: andar térreo	São o foco de mensagens e afetos dos membros do fandom	Mas, em inglês
Oriente (Geogr.)	Capital do Quênia	(?) up: o grupo de músicos que se apresentam em um festival (inglês)	Figura indistinta Período geológico
Tipo de restaurante	Sífilis (Med.)	Olivia Rodrigo, cantora de rock	Formato do ângulo de 90 graus
	"Intensiva", em UTI		
	Festa folclórica de 24/12 a 6/1		
	O raciocínio que se enquadra numa das falácias lógicas		

BANCO 3/but — see. 4/avec — cool — line. 8/tenisset. 12/cesário verde. 35

#FaçaCoquetel
Assine e receba no conforto da sua casa!
www.assinacoquetel.com.br

Desafios, Fácil, CACA (PALAVRA), Cripto

Acesse nosso site!

COQUETEL

Solução

S	I	E	R	V	L	O	F
O	E	N	O	R	E	R	C
L	I	E	S	E	I	L	
O	D	L	U	L	E	S	L
D	I	V	O	L	I	V	A
I	B	I	R	O	B	I	
S	R	E	S	T	E	S	
O	V	A	T	I	C	A	V
A	P	E	S	O	O		
S	O	N	V	E	N	H	
S	O	I	V	L	L		
E	G	A	R	E	O	N	T
C	N	I	L	O	V		
E	I	P	S	E			
R	M	M					

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: O convívio próximo e afetuoso com pessoas queridas é sempre experiência gratificante. Pois hoje pode conviver assim com os seus, como também fazer novos amigos.

♋ Touro: Habilidade no trabalho e na condução do planejamento e das negociações. Momento para você aceitar de bom grado o que as relações no trabalho lhe oferecem.

♊ Gêmeos: Mercúrio, Urano e Plutão indicam interesses intelectuais que lhe estimulam de modo especial. Um dia para alargar o entendimento e o conhecimento. Você quer saber mais.

♋ Câncer: Momento para compreender a si mesmo e às pessoas com quem vive próximo. Há muito a esclarecer, inclusive, entre vocês. Uma boa confiança tende a estar presente.

♌ Leão: Um dia de ideias criativas, ajudando a integrar seus relacionamentos. Os estudos, naturalmente, estão favorecidos, e o brilho de sua mente surge em todo o esplendor.

♍ Virgem: Um dia de boas ideias a serem aplicadas no trabalho e nas negociações. É tempo de avançar nos planos profissionais, unindo conceitos arrojados com a prática disciplinada.

♎ Libra: A afetividade está a transbordar, e tudo é motivo de encantamento e exuberância de atitudes. As relações familiares tendem a se aprofundar, mas exigem desprendimento.

♏ Escorpião: Um dia benéfico para o recolhimento e o contato com si mesmo. A capacidade de percepção interna está dilatada. Soluções para a vida psicológica tendem a vir à luz.

♐ Sagitário: Uma visão mais clara e inteligente favorece as atividades em cooperação. As amizades e o companheirismo estão beneficiados. Alegrias e diversão com os amigos.

♑ Capricórnio: A boa comunicação no trabalho e com os colaboradores multiplica as oportunidades. Benefícios para a vida profissional, em consequência das boas ideias que surgem.

♒ Aquário: Algo de encantador ou inusitado tendem a atraí-lo para certas relações em especial. Os pensamentos se abrem para alturas e horizontes mais amplos.

♓ Peixes: É tempo de mudar certos conceitos a respeito de si mesmo e da auto-imagem que cultiva. Há coisas mais valiosas em seu interior, do que aquelas que você julga importantes.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Ray Dalio fala sobre a falência das nações

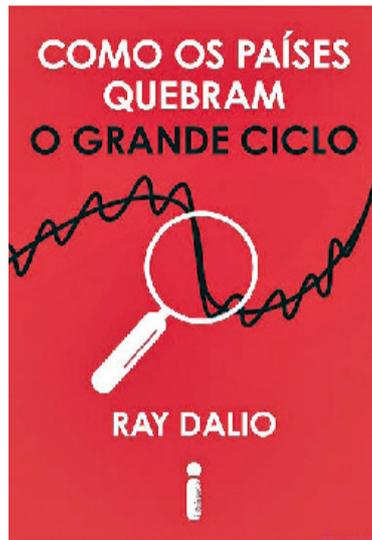
Há quem acredite que as nações não quebram. Como empresa até não quebram, mas por dívidas impagáveis, moeda desvalorizada, crises políticas ou guerras e má gestão econômica as nações podem entrar em moratória soberana ou *default* da dívida pública. Argentina, Grécia, Rússia e Alemanha já passaram por isso.

Como os países quebram - O grande ciclo (Editora Intrínseca, 400 páginas, R\$ 99,90), do celebrado empresário e escritor Ray Dalio, fundador do maior e mais bem-sucedido fundo *hedge* do mundo, acima de tudo é um guia prático para lidar com o futuro, com base em lições do passado. O livro é um estudo inovador sobre a falência das nações e uma investigação sem precedentes sobre o que Dalio chama de Grande Ciclo do Endividamento, envolvendo grandes potências do Ocidente e do Oriente.

Dalio, fundador e copresidente do Bridgewater Associates, escreveu os *best-sellers* *Vida e trabalho* e *Princípios para a ordem mundial em transformação* e foi considerado pela Time uma das cem pessoas mais influentes do planeta.

Altas dívidas governamentais podem ameaçar o bem-estar coletivo? Há limites para o crescimento dessas dívidas? É mesmo possível que um país com moeda de reserva tão robusta e relevante como os Estados Unidos quebre? Como isso aconteceria? Além de estudar a relevante questão do endividamento, Dalio, com suas décadas de experiência, apresenta soluções extremamente didáticas para lidar com a questão, que é enfrentada pelos Estados Unidos, Europa, Japão e China.

Dalio relaciona a questão do endividamento com outras forças, seja a política, a geopolítica entre os países ou questões



ambientais e tecnológicas. Sendo que a Inteligência Artificial é a mais importante. Para Dalio a combinação das forças ocasiona o Grande Ciclo Geral e muda a ordem mundial. O livro auxilia o leitor a compreender o que está acontecendo no mundo e o que podemos esperar para o futuro. Segundo o Financial Times, Dalio simplifica sem resumir. Henry Kissinger escreveu: "Dalio tem talento especial para identificar as principais questões de nosso tempo."

e palavras...

ERA UMA VEZ UMA LIVRARIA, LIVROS, LEITORES E HISTÓRIAS

Bibliotecas, livrarias, livros, escritores, leitores e histórias envolvendo esses mundos infinitos sempre estiveram presentes na história da humanidade. O livro impresso tem aproximados 600 anos e segue vivo, encantando pessoas mundo afora. Nos últimos anos, de modo especial, ficções retratam livrarias e bibliotecas como espaço para reinvenção pessoal e conquistam leitores em muitos países. Obras como *Uma noite na livraria Morisaki* e *Meus dias na livraria Morisaki*, de Satoshi Yagisawa, e *A livreira de Paris*, de Kerri Maher são alguns exemplos, entre muitos, de narrativas que mostram que os livros, além de ilustrar e entreter, podem ser uma biblioterapia para auxiliar os leitores a superarem problemas da existência.

Era uma vez uma livraria... (L&PM Editores, 256 páginas, R\$ 65,90), do francês Éric de Kermel, jornalista, editor de revistas sobre natureza e autor de vários romances, é seu primeiro título publicado no Brasil e tem como subtítulo *Diga-me o que lê e te direi quem és*. A sensível e ágil narrativa mostra como livros podem mudar a vida das pessoas.

Nathalie, uma professora de literatura que vivia na agitada Paris, decide mudar-se, com o esposo, para a charmosa cidade de Uzès, no sul da França. Ela logo percebe que frequentar antiquários e feiras não preencherá sua vida. Depois de ler um pequeno cartaz de papelão bege com letras azuis, pendurado na frente de uma livraria que fica no centro da cidade, esquina da Place aux Herbes, Nathalie pensa que ama livros e decide comprar a

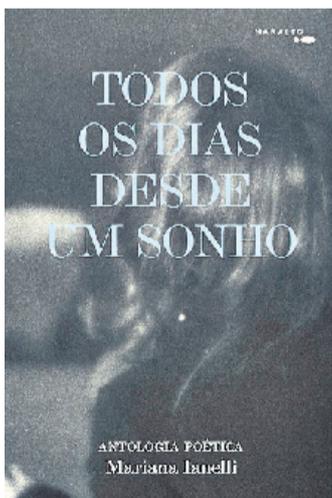
livraria e mudar de vida. Ela sonhava em se aproximar de pessoas e de livros, e decide ir atrás.

Entre estantes repletas de autores como Virgínia Woolf, William Shakespeare, Victor Hugo e Annie Ernaux, Nathalie transforma a livraria em ponto de encontro, escuta e acolhimento. Cada capítulo do livro é dedicado a um personagem que entra em sua vida e sai diferente, graças às leituras que ela cuidadosamente recomenda. Ela se torna uma espécie de 'farmacêutica literária' e encontra em cada livro o remédio exato para a dor, dúvida ou desejo de cada um dos leitores que a visita.

A jovem Cloé, filha de uma cliente da livraria, pede conselhos a Nathalie sobre livros e depois passa a fazer as próprias escolhas. Bastien, um rapaz à procura do pai e Tarik, um soldado traumatizado pela guerra, são também ajudados por Nathalie e pelos livros. Jacques, o filósofo caminhante solitário, e Philippe, o viajante incansável, são outros frequentadores, ao lado de Irmã Véronika, Arthur, Solange e Philéas. Nathalie observa que existem leitores e livros de muitos tipos, assim como necessidades e ocasiões as mais diversas.

"Todo homem é uma história sagrada. Estou convencida disso e nunca me cansarei de iniciar um diálogo com cada um dos que cruzarem meu caminho, para continuar virando as páginas da enciclopédia humana; mas também devo ir mais longe, não apenas recebendo daqueles que vêm, mas também ousando partir eu mesma." Palavras de Nathalie que estão nas páginas finais desta obra.

lançamentos



► **Todos os dias desde um sonho** (Maralto, 165 páginas, R\$ 59,90), da premiada poeta, ensaísta, cronista e crítica literária Mariana lanelli, reúne 25 anos de poesia e reafirma sua força, entre escuridão, clareza, memória e presente reinventado. "*Deserto rude/Ser esquecido/Mas sabe a sal/E tem um céu/ Infinito*", versos da obra.



► **Pasta senza vino** (Dublinense, 320 páginas, R\$ 42,00), segunda edição do romance do Eduardo Krause, depois de seis reimpressões, narra a trajetória de Antonello, jovem italiano filho de brasileira, na Florença, Itália, dos anos 1960. Prosa saborosa, pasta, vinho, amores partidos e os mil encantos da terra de Dante. Massa sem vinho é como um beijo sem amor, por aí.



► **O primeiro e o segundo homem** (Arquipélago, 104 páginas, R\$ 59,90), de Luiz Sérgio Metz, o Jacaré, jornalista, escritor e letrista, é a nova edição dos contos de sua estreia literária. Escreveu o aclamado romance *Assim na terra* e faleceu aos 44 anos. Com linguagem criativa e cenários gaúchos da segunda metade do séc. XX, trouxe humor, horror, fogo, terra e conversas misteriosas.

a propósito...

Este livro mostra que a vida dos livros pode ser tão imprevisível, rica e aventureira como a vida dos leitores. Depois de publicado, o livro não pertence mais somente ao autor, passa a ser do mundo e de todos quantos que lhe darão plena existência com sua leitura. Com a inigualável leitura silenciosa e individual dos livros as pessoas estarão saudavelmente

a sós, mas jamais se sentirão solitários. Os livros são paraísos portáteis, jardins secretos, portas para viver outras vidas, veículos para viajar para muitos lugares e possibilidade de imaginar com liberdade o que se quiser em territórios ilimitados. Sem livros, contadores de histórias, livrarias e leitores o mundo ficaria irreconhecível. (Jaime Cimenti)

pensando cultura

Quem foi Tenório Jr., identificado na Argentina quase 50 anos após morte

Um mistério de quase 50 anos que assombrava a música brasileira teve desfecho no último dia 12 de setembro, quando a Justiça argentina informou à embaixada do Brasil em Buenos Aires que havia, por fim, identificado o corpo do pianista Francisco Tenório Cerqueira Júnior, o Tenório Jr. Como contam Sylvia Colombo e Thea Severino para a Folhapress, ele acompanhava Vinicius de Moraes numa turnê pelo Uruguai e pela Argentina com o baixista Azeitona, o baterista Mutinho e Toquinho no violão, poucos dias antes do golpe militar de 1976.

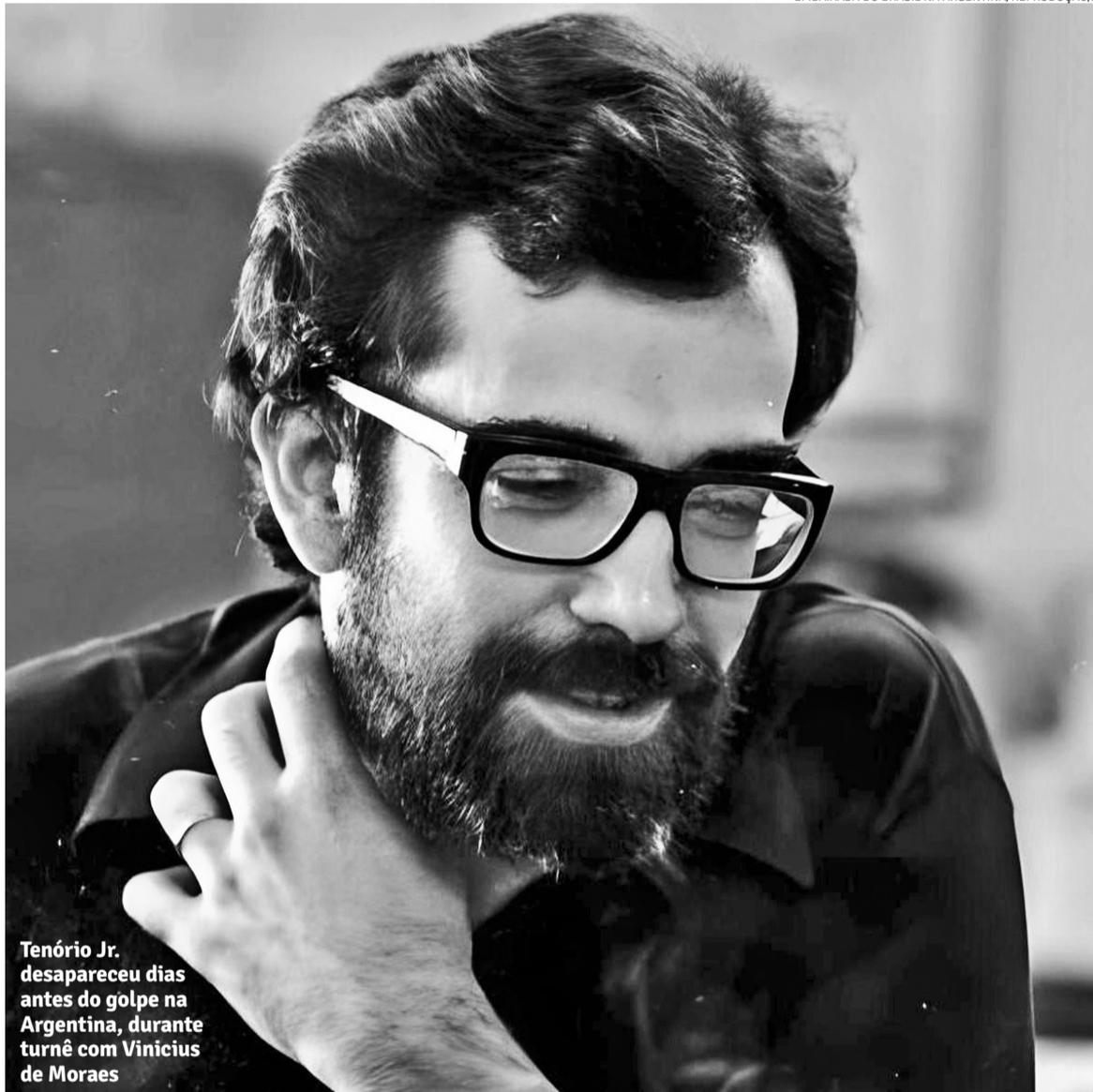
Na madrugada de 18 de março de 1976, após um show na renomada casa de espetáculos Gran Rex, na avenida Corrientes, Tenorinho, como era chamado por Vinicius, teria deixado um bilhete para Toquinho, com quem dividia um quarto no Hotel Normandie, no centro de Buenos Aires, dizendo que sairia para comprar cigarros e um lanche. Nunca mais voltou, e seu corpo jamais foi encontrado.

Os restos de Tenório Jr. foram encontrados na interseção entre a avenida General Belgrano e a Panamericana, na província de Buenos Aires. Segundo a Justiça, a morte teria ocorrido em 20 de março de 1976, ou seja, apenas dois dias depois de seu sequestro. Um cotejamento das informações de dois diferentes centros de identificação, feito apenas recentemente, permitiu confirmar que se trata do pianista. O objetivo agora é definir como o músico foi assassinado.

“É uma notícia surpreendente, quando já não tínhamos esperança de saber mais nada. De certo modo, dá um fechamento a essa história tão triste”, diz Marta Rodríguez Santamaría, que foi a oitava e penúltima mulher de Vinicius de Moraes e, na época do desaparecimento do músico, ajudou-o a percorrer embaixadas, delegacias e a entrar em contato com juizes.

Várias especulações rondaram o caso todos esses anos. A mais aceita era a de que o músico teria sido confundido com algum “subversivo” por sua aparência - naquela época, ter cabelos compridos, como boa parte dos artistas tinha, era sinal de desobediência em relação ao sistema.

O golpe militar na Argentina ocorreu em 24 de março, mas já nas semanas anteriores havia repressão militar e busca por opositores. Tenório pode ter sido con-



Tenório Jr. desapareceu dias antes do golpe na Argentina, durante turnê com Vinicius de Moraes

fundido com um líder *montonero*, guerrilha que resistiria ao regime, que estaria circulando na zona.

Outras hipóteses circularam na época. Uma delas dizia que, em vez de buscar cigarros e algo de comer, Tenório estivesse buscando drogas. Não muda a crueldade do crime, mas era comum, segundo o historiador Uki Goñi, que naquele tempo houvesse batidas na região central da cidade, onde se vendiam drogas. Uma terceira versão considerava que Tenório estaria na companhia da amante, e que a necessidade de encobrir esse *affair* teria complicado as investigações.

Nascido em 4 de julho de 1941, em Laranjeiras, no Rio, Tenório Jr. cresceu entre o estímulo artístico e o rigor acadêmico. Filho de Alcinda Lourenço Cerqueira e do delegado Francisco Tenório Cerqueira, foi aluno de Moacir Santos e integrante do instrumental Os Cobras, composto por ele, José Carlos, o Zezinho, Paulo Moura, Meirelles, Raul de Souza, Hamilton e Milton Banana.

Pianista talentoso, ele se des-

tacou pelo improviso nos gêneros sambajazz e bossajazz na década de 1960, quando a música instrumental brasileira era muito popular. Começou as *jam sessions* do Little Club aos 21 anos, em Copacabana, no beco das Garrafas, formado por quatro clubes - Little Club, Bottle's, Baccará e Ma Griffe -, onde todos os grandes nomes da bossa tocavam. Participou de festivais internacionais, aos 22 anos, como o Jazz (La Costa), em Mar del Plata.

Aos 23 anos, gravou a convite dos diretores da gravadora RGE, José Scatena e Benil Santos, o LP *Embaló* (1964). Foram 11 músicas gravadas com Paulo Moura, Raul de Souza, Zezinho Alves, Milton Banana e Rubens Bassini, entre fevereiro e março de 1964, e posteriormente lançadas em 2004 num CD.

Para o estudioso da música Ruy Castro, em depoimento dado em 2023, “Tenório Jr. era o melhor pianista de seu tempo, genial e moderno”. Esteve acompanhado de diversos músicos de renome e tocou com Edu Lobo, Nana Caymmi,

Chico Buarque, Gal Costa, Nelson Angelo, Milton Nascimento, Egberto Gismonti, Johnny Alf e Joyce Moreno. Toquinho e Vinicius foram os últimos a estar no palco com ele.

A compositora, cantora e instrumentista Joyce Moreno conheceu Tenório entre 1972 e 1974, quando ele tocava com os mineiros Lô Borges, Milton Nascimento e Beto Guedes. “Eu adorava tocar com ele”, diz a artista. Ela afirma que o pianista era uma pessoa brilhante, inteligente e rigoroso. “Ele tinha uma família grande, mas sei de histórias que ele recusou várias vezes trabalhos que não gostava. Ele era rigoroso musicalmente e passou por um certo sufoco financeiro por estas questões.”

O músico enfrentava uma situação financeira complicada. Sua mulher, Elisa Cerqueira, no Rio de Janeiro, o esperava grávida do quinto filho do casal.

Em 17 de março de 1976, no Teatro Gran Rex, Vinicius e Toquinho encerravam uma temporada de casas cheias. A crítica foi dura

com o espetáculo, mas uma nota portenha registrou a epifania: a revelação da noite foi o pianista Tenório, “a mais autêntica expressão da música contemporânea brasileira”. Horas depois, já na madrugada de 18 de março, Tenório saiu do Normandie para nunca mais aparecer. O dono de um quiosque na região relatou, mais tarde, que o viu comprar tabaco e ser abordado por um Ford Falcon na esquina. Esse vendedor de rua, porém, nunca mais foi localizado.

Na época, Vinicius não estava hospedado no Normandie. Ele dividia um apartamento com a namorada, Marta, próximo dali. Foi ela quem atendeu ao telefonema de Toquinho, que, desesperado, dizia que Tenório não tinha passado a noite no hotel. Vinicius foi acordado por Marta e, de sobressalto, começou uma saga quase que solitária numa cidade já assombrada pela iminência do golpe de Estado e pelo fato de que a repressão já havia começado - grupos de tarefa vinculados à Triple A, esquadrão da morte criado no governo de Isabel Perón, circulavam nas ruas.

Em seu depoimento, Ruy Castro deu sua versão. “Ele pode realmente ter saído para comprar fumo. Pode ter sido confundido com algum terrorista ou procurado pela polícia e foi levado. No que foi levado, não sei por quê, começaram a bater nele (...) O fato é que bateram tanto, que já não dava mais para devolver do jeito que estava e o eliminaram.”

“Tenório não era politizado”, diz Ruy. Na época em que gravou *Embaló*, era um universitário. Podia ter uma certa consciência política como tantos estudantes, mas era um alienado como muitos da bossa. Roberto Menescal conta que, em 1º de abril de 1964, foram gravar o disco da Wanda Sá na zona norte. Na volta, passaram pela UNE em chamas e acharam que “alguém tinha dormido fumando”. Não sabiam que tinha havido um golpe.

Em dezembro de 2023, depois de Ruy Castro denunciar o sumiço, a embaixada do Brasil em Buenos Aires reproduziu e instalou uma placa idêntica, ajustada à reforma. Hoje, quem passa pela Rodríguez Peña encontra a memória viva no lugar onde Tenório foi visto pela última vez. Com a identificação dos restos, essa pedra deixa de ser só símbolo e vira o marco de um ciclo que, enfim, encontra um fecho.